

UM ESBOÇO ANTROPOSSOCIOLÓGICO DA CASA

Alberto Magno Avelar

"É preciso dizer, então, como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num 'canto do mundo'.

Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo."

GASTON BACHELARD (*A Poética do Espaço*)

Na atividade presente, em que nos ocupará uma realidade complexa de um fenômeno humano — a habitação — impõe-se a adoção de um método-comparativo — que julgamos imprescindível na captação do nosso objeto de estudo. Ao empregá-lo, objetivamos enxergar melhor uma entidade institucional — *a casa* — nos seus múltiplos aspectos e em suas diversas significações.

De entre as características arroladas na composição de uma imagem objetiva do ser humano, a de animal construtor (*lato sensu*), especialmente de moradias, é das mais importantes. Porque a própria condição de *homo faber* é a de ser industrial, de trabalhador imaginoso que produz objetos, instrumentos com os quais a natureza é operada, transformando-se, em seus componentes particulares, num novo mundo — o da

ergologia. As ferramentas de trabalho, os utensílios domésticos, as armas, geringonças, vestuário, habitações, equipamentos variados, em suma, todas as *extensões* dos membros e sentidos, assim como dos órgãos humanos, tradutores da aspiração à transcendência das limitações biológicas e carências humanas, constituem esse *mundo*.

É deste modo que, na criação da totalidade de elementos culturais, reside também a possibilidade de os homens se criarem, originando-se como seres particulares, singulares e cinzelados historicamente.

É claro que por serem animais e constituírem biológicas, os seres humanos têm de defender-se das intempéries, dos animais de outras espécies e dos outros de sua espécie. A exemplo dos homens, alguns vários animais especiais constroem seus abrigos com igual finalidade e de modo bastante elaborado. Não são poucos os que edificam com engenhosidade os abrigos em que vão transmitir os elos da vida, e desempenhar aí papéis que o viver coletivo imponha, seja pelas funções determinadas geneticamente para certas categorias num filo, seja pelos comportamentos prescritos pela vida coletiva na socialidade daí resultante. Exemplificaríamos com as colméias, com os formigueiros, com os ninhos, com as tocas, com as casas — habitações de modo geral.

Quanto ao gênero humano, *a casa*, em particular, tem um duplo significado: expressa uma exigência biológica primária de segurança, de abrigo, um referencial psicossocial recorrente, e, por outro lado, prefigura uma maneira peculiar da organização social das culturas. Diz da conjuntura econômica, da organização social, do modo de produção, do caráter da cultura, do nível de desenvolvimento histórico-social, dos rumos e graus de civilização, das relações íntimas e informais, *id est*, relações não-contratuais no sentido organizacional, jurídico-burocrático. Para estas afirmações aduzimos o conhecimento (que não invalida as asserções do período anterior) de que, durante um tempo histórico muito extenso, *a casa* era um lugar físico onde parte considerável e essencial da atividade produtiva se processava.

Numa perspectiva diacrônica *a casa* foi um núcleo econômico, uma unidade estrutural do modo de produção vigente, se bem que em determinados momentos conjunturais haja abrigado formas marginais e residuais da produção; portanto, excrescências laborativas em uma situação de mudança já efetivada.

Vemos a casa, também, e nesse sentido, como o lugar especular da estrutura econômico-social e jurídico-normativa de

cada sociedade e de cada cultura; a saber, o lugar da rede relacional dos comportamentos estandardizados como fato social, do sistema administrativo, da organização e hierarquia familiares, da atribuição, distribuição e manipulação do poder, da prescrição de *status* e desempenho de papéis, dos privilégios e do arbítrio; vemos *a casa*, igualmente, como o ambiente produtor e reproduzidor, em níveis e graus variados, dos processos conjuntivos-disjuntivos, tais como acomodação-oposição litígio-cooperação, comunicação-isolamento, socialização-conflito, enculturação-desvio, enfim, uma certa repetição, evidentemente que de bem menor extensão e significado, da macro-estrutura institucional da sociedade, dessa realidade humana territorial e simbólica, a sociedade global.

É bem possível que se possa construir uma filosofia da história, ou uma história da cultura, através da *casa*; porque é perfeitamente plausível uma historiografia que tome a *casa* como categoria cultural axial, ou seja, o fio condutor e o referencial do evoluer das sociedades da nossa espécie. É lícito supor, também, um grau mais elevado de conhecimento epistemologicamente validado, se tal estudo relevar sociedades com economia de subsistência ou de consumo. Assim, também, pensamos ser legítima a preocupação com o conhecimento desse animal operoso — o homem — em termos de evolução e de sentido do que ele haja sido, esteja sendo, ou de seu vir-a-ser, a partir da investigação não somente do fenômeno *habitação*, mas das edificações enquanto *arquitetura*, plástica e meio humano em que a nossa espécie gasta sua vida nos arranjos existenciais de seres que se constroem, enquanto edificam e destroem as paisagens naturais dos ecossistemas do planeta.

A *casa* já tem uma conotação específica como habitação, como lugar criado para *morar*, onde as tarefas são divididas, onde a vida é reproduzida, onde os bens são manipulados, preservados e herdados, onde se protege a cria infante como centelha ontogenética da vida filogenética como exigência essencial. É na *casa* onde se joga o incipiente jogo social e se elabora a trama complexa (reflexo e acréscimo), as redes de relações sociais.

O aprendizado das regras do jogo social principal aí, na *casa*, microcosmos de classe, de segmento, de raça e credo, de grupo e sangue; é aí que a vida humana parece encontrar uma base social de operações, uma infra-estrutura existencial, um apoio logístico, um refúgio tático aos embates do cotidiano, uma hipercentração etnocêntrica, um lugar recorrente — sucedâneo uterino — onde se comunicam ou escondem temores,

onde se derramam e represem a afetividade e a sexualidade; onde se exercitam as maquinações, os comportamentos mesquinhos, as tiranias e as dedicações. É na *casa* onde se fabricam artesanal e industrialmente os "loucos" e os "normais", os beócios e os argutos, os pusilânimes e os combatentes; é na *casa* onde se transforma um ente-espécie biológico num indivíduo social e numa pessoa cultural; onde crianças (macho ou fêmea) são paulatinamente transmutadas em homem, mulher ou homossexual; onde se manipula a sexualidade porque os cérebros são manipulados ideologicamente conforme a ordem econômica, social e cultural.

A *casa*, pois, é a expressão mais acabada das relações sociais; enfeixa a totalidade das relações reflexas como a política, a jurídica, a consuetudinária, a estética, a moral, a econômica, a ética, a educacional, a administrativa etc. É um lugar em que o *Sistema* se alimenta através da estrutura de classes e suas respectivas óticas, assim como da estratificação social.

Portanto, a *casa* é o lugar concreto, a realidade física, e o espaço social próprio onde a vegetação heterogênea e carnívora da sociedade se enraíza, se nutre e se enrama; é a entidade institucional imediata da instituição familiar, completo aparelho ideológico de Estado que, entre nós, herdeiros do complexo cultural judaico-cristão e da chamada Civilização Ocidental, recebe a denominação e a conotação piás de *lar*.

Evidentemente que não estamos a confundir os conceitos de realidades físico-culturais específicas. Não tomamos a *casa* por um *lar* e vice-versa. Também, informados que somos pelas conotações atribuídas ideologicamente às realidades, não pensamos que um *lar* possa ser entendido sem umas paredes (concretude básica) que o viabilize, pois assim, forçosamente, teríamos de aceitar como *lar* o precário abrigo de uma copa mais frondosa, de uma marquise mais saliente, de um viaduto qualquer onde uma "família" se instalasse: aí não há privacidade, não há inviolabilidade juridicamente determinada, não há abrigo de fato, não há senão simulacro de vida familiar no que ela encerra. Viver-se-ia melhor, nesse caso, menos desumanamente, numa gruta arranjo natural mais acolhedor, mais indevasável, mais gratificante psicologicamente, e seguro.⁽¹⁾ Um viaduto etc. só poderia ser visto como *lar* e *casa* — como de resto

1) Uma caverna é um abrigo natural, uma obra convulsiva das forças telúricas; é uma "arquitetura" construída cegamente, sem finalidade, pelos processos geofísicos, e que pode servir de abrigo ou habitação aos animais, de modo geral, como refúgio, esconderijo, tocaia etc. Um troglodita não é um **homem** ainda; é um proto-homem, com uma **práxis** e uma consciência social apenas promissoras de civilização.

muitos "abrigos" nas cidades do Terceiro Mundo — se visse-
mos o homem como ser passando tangencialmente à vida, es-
capando pelas bordas, numa outra margem separada da possi-
bilidade de humanização pelo rubicão pecuniário, posse que
parece ser, com efeito, e por excelência, a *conditio sine qua*
não se é realmente (embora alienadamente) *humano*, nem se
vive de fato.

Uma *casa*, assim a vemos, é mais do que umas paredes
verticais, horizontais, ou planos inclinados. É mais do que um
teto; não é somente certos espaços que nascem com materiais
superpostos com equilíbrio e simetria, com lógica e medida,
num vazio original. Não é apenas forma, plasticidade, estética,
estilo elaborado, funcionalidade. A *casa* é o espaço próprio do
homem grupal, de grupos de entes, do lado domesticado do
animal do gênero *homo* e da espécie *sapiens*; deve, por conse-
guinte, representar seu abrandamento, a superação e subjugação
da fera incrustada desde as origens da espécie (dado indis-
cartável), que a sociedade ora alimenta, ora aprisiona, ora
libera, ora robotiza, ora segrega, ora espicaça, ora amestra,
ora ameaça extinguir da *biosfera*.

Não pensamos na sacralização da *casa* — este não é um
tempo de profetas góticos, anjos barrocos e ingenuidades risí-
veis. Igualmente, nossa visão pessoal da *casa* é distinta, pois
discrepamos dessa atual; não vemos a *casa* como um ponto
saliente numa área geográfica, mero espaço físico dentro do
qual indivíduos se olham e não se vêem, coabitam e não se
conhecem, não se sentem e não se estimam, e nem se auxi-
liam mutuamente para um crescimento recíproco que signifi-
que complementaridade da liberdade e da aventura individual,
da solidiedade e do compromisso interpessoais, sem que
isto signifique exclusão e impossibilidade de integração em
situações aparentemente antitéticas vividas de fato. E isso,
nos parece vivamente, é o que está a ocorrer em nossos dias.

Essas teorizações preliminares têm o escopo de fornecer
uma maneira abrangente de apanhar o objeto destas reflexões
em sua pluridimensionalidade. Um método que preexistia nas
ciências nomotéticas — o comparativo — constitui, aqui, par-
te de uma estratégia segura para a consecução de nossos pro-
pósitos: a investigação da estrutura e dinâmica do poliface-
tado fenômeno *casa*.

Tomaremos agora, por uma exigência de metodologia cien-
tífica, uma realidade polarizada no espaço e no tempo, e que
se exhibe nos prédios residenciais: a Casa-Grande colonial, e
a *casa* urbana em sua tendência atual e crescente de vertica-

lização (especialmente como moradia dos segmentos médios da estratificação por classes): — a *casa-apartamento*.

A ocupação do espaço físico na geografia rural ou citadina, quer seja num passado já remoto, quer seja hodiernamente, sempre esteve condicionada por necessidades simultaneamente biológicas, culturais, sociais e econômicas. A sedentarização e o povoamento em núcleos levam sempre em conta a mesologia, ou seja, aspectos hidrográficos, topográficos, orográficos, assim também como a pedologia, a fauna, a flora, a situação geográfica, para a produção da vida material e do intercâmbio daí decorrente.

Para a compreensão desse complexo, o dado primacial é a possibilidade de subsistência e de, trabalhando o meio ambiente mais próximo com seus recursos plurais, fomentar, pela prática produtiva, o *totum* cultural que depende e reflete, de certa maneira, não mecanicamente, mas simultânea e inevitavelmente, (d)os vários processos e arranjos da prática econômica: construção de moradias, produção de víveres, confecção de vestuário, fabricação de instrumentos de labor, criação de utensílios domésticos, de armas de outros artefatos não-bélicos etc.

No ciclo econômico da cana-de-açúcar, no NE do Brasil, sobremodo na BA, AL, PE e SE, as famílias patriarcais — senhoriais mandavam erguer as suas casas de morar próximas aos grandes rios multifuncionais, pois eram vias fluviais, forças-motrizas, fertilizadores naturais de terrenos e várzeas pelo húmus, mananciais de abastecimento hídrico para os afazeres domésticos das coletividades nucleadas pela Casa-Grande; de fato, esta, o epicentro da vida social rural. Adjacentes à Casa-Grande erguiam-se, também, um meio de produção subsidiário e imediato da gleba — o engenho-de-cana e a entidade institucional religiosa auxiliar na dominação de classe como aparelho ideológico — a capela. Esse era o chamado "triângulo rural". Sua significação: vinculação dos poderes secular e religioso (conchavo, conluio e contradição), assim como interligação das instituições econômica, familiar e religiosa em sua dinâmica, como modo de dominação pluriarticulado do sistema escravista colonial.

A Casa-Grande era uma edificação sólida, larga, horizontal, construída sempre que possível em uma elevação de terreno, voltada para o nascente, dominando a região. Diante dela, a capela, como prédio, era bem mais modesta, acanhada até, o que refletia, certamente, o poderio preeminente da família senhorial, instituição axial e polivalente na colônia portuguesa. Habitualmente, como morfologia, a Casa-Grande tinha quatro

águas com grande beira-e-bica, protegida com telha vã, e óleo de baleia impermeabilizando alicerces e grossas paredes laterais. Um imenso copiar circundava-a, e parte deste estava erguido sobre pilotis. Havia salão, vasta cozinha, gineceu, alcova, camarinha, capela etc.

Às vezes, a Casa-Grande abrigava itinerantes que aí encontravam albergue, bom ou mau, no copiar. Outras vezes abrigava hóspedes que aí se demoravam, e, n'algumas vezes, enfermos; nesse sentido, era ao mesmo tempo pousada, hospedaria e hospital. A vida doméstica do corpo feminino passava através do eixo em cujas extremidades ficavam a cozinha e o gineceu. Neste, as donzelas se entretinham (ou se entediavam) com os singelos afazeres comuns ao seu *status* de sinhazinhas, e com a lentidão do tempo rural. Assim, o gineceu era convento, claustro, torre de marfim. Na cozinha, as mucamas — cozinheiras, copeiras, ajudantes — tangidas pela Sinhá e patroas menores, cuidavam do repasto trivial e das guloseimas tão do paladar dessa "aristocracia canavieira".

A religiosidade expressava-se, nas Casas-Grandes, em lugar próprio, na capelinha, onde se tiravam os terços cotidianos, as novenas, trezenas, e assistiam-se a rituais litúrgicos; aí, também, durante certa época, enterravam-se os mortos; nesse sentido, a Casa-Grande, que fazia as vezes de confeitaria, fazia-o também de cemitério. Dentro das paredes largas não era incomum guardar-se dinheiro, sacos de moedas; do mesmo modo punham-nas sob as tábuas do piso — as botijas. Dessa forma, a Casa-Grande era casa-forte. Sob os pilotis amarravam-se as montarias ofegantes que aí ficavam várias horas; não era também estrebaria a Casa-Grande?

Vemos, assim, a multifuncionalidade dessa entidade, em toda a larga gama de atividades e significações sociais de que se revestia. O sentido dessa dimensão era dado, exatamente, pela enorme importância social enfeixada pela família patriarcal num santuário político-econômico — o Nordeste canavieiro. Sobranceira, a Casa-Grande era o pólo magnético, o núcleo de poder, o epicentro irradiador da vida social e administrativa dos latifúndios monocultores. Era a materialização da dominação oligárquica entre os trópicos. A família senhorial que nela morava negociava a aquisição de junta de bois, de montarias, de "peças" vivas da África, de toda a maquinaria dos engenhos, de forças produtivas de modo geral. Tudo isso a família-empresa contabilizava.

Ao enterrar os mortos nas capelas das Casas-Grandes revelava-se o familismo, o *esprit de corps*, corroborado nas puxadas — apêndices da Casa-Grande — onde amiúde vinham resi-

dir genros e noras recém-casados.* Em que pese à ordem social crudeííssima (e condenável nos seus mais amplos aspectos) do escravismo colonial, vêem-se, nesta sinopse descritiva do micromundo da Casa-Grande, os fortes traços da vida da família.

A moral doméstica, se extremava em rigidez por um lado, por outro mostrava-se curiosamente plástica. Fazia-se vista grossa a certos comportamentos do pater-famílias em relação às suas escravas e vice-versa, relações que mal dissimulavam intimidades de concubinação no interior do próprio lar. A prática do cafuné, socialmente aceita, já era por demais íntima, e, por isso, jogo sexual. E não era raro surpreender-se a negra da do serviço doméstico em atitudes lascivas (como dança de umbigadas), nas cozinhas e terreiros patronais. As crianças escravas, muitas delas filhos bastardos dos senhores de engenho, cresciam dentro das Casas-Grandes no rabo-de-saia materno; e, como o exemplo adulto lhes fazia brotar o impulso da sexualidade já na segunda infância, iniciavam os outros de sua faixa etária — seus donos, no ludismo sexual.

A família senhorial, como de resto as famílias da colônia, cumpria certos papéis: endoculturava e socializava, protegia, convivia, bem ou mal, desempenhando papéis micro-institucionais com a eficiência proporcionada pelo tipo de estrutura da instituição familiar.

Era possível ver a ordem da família mais bem delineada em seus traços fundamentais: escalonamento hierárquico bem definido, códigos comunicativos fechados nos estratos, valores explícitos numa escala mais ou menos ordenada que pouco expunha o grupo nuclear a contestações endógenas e possível desestabilização. Isso se explica, em parte, pela imensa autoridade paterna, elemento de coesão e dominação psicológica, na verdade *senhor* dono e amo de terras, bichos e gente.

A cadência existencial da época favorecia essas práticas e esses processos sociais; e, por extensão, a otimização dos papéis intragrupais (pessoais) e institucionais. As distâncias sociais abissais, a visão vertical relativa à estratificação social e à dominação da família senhorial, somadas a um certo marasmo da vida sócio-cultural das áreas rurais, davam à vida de então e à casa que a continha um caráter singular.

Passando por cima do sobradão colonial das cidades emergentes no Ciclo Econômico da Mineração, assim como pelas

(*) Essa micro-etnografia doméstica é originalmente feita por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973, 16.^a edição.

edificações residenciais dos centros urbanos desta centúria até os anos 50, refletiremos sobre as formas e rumos da habitação de um segmento da classe dominante, no capitalismo industrial deste último quartel de século. O apartamento como *casa* é a forma de moradia tendencial, impondo-se avassaladoramente nas cidades, exprimindo uma trama ao mesmo tempo econômico-política de justificação psicológica e de racionalização financeira dentro do modelo econômico em vigor. Passemos, então, à verificação de suas significações.

Avulta, em primeiro lugar, na paisagem urbana, a verticalidade dos prédios e a superposição de residências que comecem a enxamear em áreas precisas do espaço citadino, como incremento dado pela política financeira imposta alienigenamente, e executada pelos tecnocratas em instituições correspondentes respaldadas pelo regime político doméstico em vigor.

Atenta-se, em primeiro lugar, para o fato de que não se mora, na maior parte dos casos, onde se quer. A ocupação arquitetônica do espaço urbano efetua-se segundo uma lógica especial inerente ao sistema econômico das sociedades. No caso em questão, exerce-se pela prática capitalista, ou seja, pela idéia e objetivo de lucro pecuniário. Dessa forma, só por extensão, secundariamente, são levados em conta alguns itens enquanto exigências psicológicas dos indivíduos para morar. O próprio custo da casa residencial como apartamento, obedece a critérios ora ambíguos, ora precisos, da especulação imobiliária das empresas construtoras, que mapeiam a cidade arbitrariamente em áreas "nobres", valorizando-as artificialmente pela máquina publicitária acionada, manipulando persuasivamente a psicologia do cidadão médio, calcada em valores dúbios e em todo um espectro de aspirações, desejos e expectativas pessoais, familiares e sociais, que a *casa-apartamento fetichizada* poderia "realizar". É corrente, os preços para aquisição de apartamentos, a partir do segundo, terceiro andares, serem acrescidos de um *quantum* monetário arbitrariamente estipulado, que vai crescendo numa progressão aritmética.

Verifica-se, assim, na arquitetura residencial última e tipificadora da paisagem urbana, a reprodução em ferro, concreto e tijolo, criando espaços superpostos, do sistema de estratificação social com suas grandes demarcações — as classes — e seus vários segmentos, entendidos todos e somente a partir da renda pecuniária dos indivíduos que os formam.

Um apartamento, sob certos aspectos, é paradoxalmente o antípoda da casa. Só com elevada dose de tolerância e benevolência chamamo-lo de *casa*; como unidade integrante de um

edifício, abriga pessoas com mais ou menos conforto, dando-lhes a ilusão de maior ou menor segurança conforme recursos de engenharia e da tecnologia eletrônica, e nada mais. O grupo vicinal não mais existe; mora-se acima ou abaixo dos outros, ou contigualmente, e os inquilinos se vêem escassamente; não se freqüentam, não se *conhecem*, não exercitam a vida comunitária. Em boa parte das vezes, vêm-se até com desconfiança e alguma hostilidade. As "casas" são micromundos estanques e vedados ao convívio, às relações amistosas, exprimindo um individualismo que se disfarça sob a capa de manutenção da privacidade, e cuja reclusão e insulamento do grupo familiar não significa coesão e co-participação da vida psico-afetiva e intelectual de cada pessoa. Dentro da *casa-apartamento* a figura cultural efetiva da dona-de-casa já não reina: usurparam-lhe o trono. Em seu lugar, o televisor — essa máquina massificadora — governa igualmente sem nenhuma dor de consciência os seus súditos. Atentos à tela mágica, "vendo a vida mais vivida que vem lá da televisão", os membros da família poupam-se, assim, de *ser* mais, enriquecendo-se cada um de *per si* com as experiências vividas individualmente, ou com a imersão participativa (não ingerente) na vida do outro visto como companheiro, como *socius*, como outra objetividade de subjetividade carente e sofrente, porque consciente.

E já que o sistema econômico impõe esquemas existenciais dos quais apenas uma pequena parte é pessoalmente controlada, que se mostra insuficientemente, assim como um *iceberg*, certos papéis institucionais não são desempenhados na *casa-apartamento-lar*. Alugados cérebros e braços ao *Sistema*, outros agentes tomam-lhes o lugar e as prerrogativas paternas.

Os meios de comunicação de massas, especialmente o rádio e a televisão (veículos ideológicos), operando dentro da *casa-apartamento*, investem-se do papel de socializadores, impessoais e inafetuosos, deformadores (já que funcionam com determinações muito mais *materialistas* e ludibriadoras, massificadoras e manipuladoras). E que autoridade e responsabilidade sociais tais veículos possuem? Que competência se lhes podem atribuir, num convívio que com eles estabelecem cotidianamente indivíduos em processo de transformação em pessoas, cérebros imaturos que, por um lado, não têm vigilância crítica, e, por outro, possuem uma voraz curiosidade de mundo? É inquietante.

Os que moram nessas habitações escalonadas, na apologia desse tipo de morada, falam em segurança e privacidade. Isso é curioso, e perfeitamente criticável, porque diz ao mesmo

tempo da insegurança neurótica fabricada no interior da classe social pelos agentes ideológicos (imprensa, rádio, televisão, empresas publicitárias etc.), e de um valor equivocado e subvertido por esses aludidos agentes, que na verdade existem para confundir e enganar. Uma vez que se possua, p. ex., um objeto da civilização (o telefone), algo que vem sendo tomado como *necessidade* para o homem urbano, vejamos o que ele faz pela privacidade das pessoas, em especial para essa pessoa apologeta da *casa-apartamento*.

O telefone nos sobressalta na calada da noite e nos tira da sesta; nos desconcentra na hora do estudo e da criação intelectual; nos desarma na hora da cópula e nos angustia sob o chuveiro; nos solicita à hora primeira da manhã e nos chama reiteradamente quando nos encontramos impossibilitados de atendê-lo; ele introduz nas pedras do nosso próprio lar um "papo" que abominamos, uma cobrança de algo que não temos imediatamente como pagar e que por isso nos ameaça; ele nos reclama da repartição e da empresa o equívoco, a presença urgente, a dúvida a dirimir, a questão a solucionar. Ele só não faz lembrar aos seus "felizes proprietários" (exceto, naturalmente, àqueles que o usam como meio de renda), que não têm mais quase nenhuma privacidade, e estão mesmo todos realmente alugados ou escravizados ao *Sistema*: o telefone é a explicitação da interdependência dos indivíduos num meio social complexo, onde uns têm a ilusão de ser também dele beneficiários, quando na verdade o possuem para jungir-se mais às relações de dominação patronais, e às que traduzem as manipulações institucionalizadas, não sendo essencialmente um meio de *encontro*.

Quanto à idéia de segurança, a subjetividade desempenha papel relevante na operação das mensagens publicitárias subliminares, que constroem arditosamente uma sensação falsamente gratificadora de uma necessidade primária. A "segurança", no caso, termina no umbral da porta do apartamento, pois há os perigos da escada, há o poço do elevador, há a concentração de materiais combustíveis; além disso, há que confiar-se num porteiro, na honestidade da empregada doméstica, do vigia, na esperteza e competência de quem se senta por trás de uma central telefônica etc. Como se segurança fosse uma conquista de um espaço físico proporcionado por um *Fundo de Garantia* e vinte anos de atrelamento financeiro e cerceamento das liberdades...

Com relação a aspectos propriamente arquitetônicos, num mesmo edifício de apartamentos, há a padronização das plantas. Observa-se, inclusive, em vários prédios de apartamentos

erguidos por uma mesma construtora, o mesmo projeto arquitetônico, por vezes apenas modificado nos materiais exteriores. E em todos eles a mesma concepção classista, reprodutora da dominação de classe social, quando institui "o quarto-de-empregada" isolado do convívio familiar, e somente maior espacialmente do que a despensa. Isso revela, para qualquer sensibilidade, o anti-humanismo de pessoas que, embora achem imprescindível as empregadas domésticas (porque são mantenedoras da infra-estrutura existencial), tratam-nas como rebotalhos que se devem pôr de lado.

O que significa realmente uma *casa*? "A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser "atirado ao mundo", como o profetizam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço... A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada, no seio da casa."⁽²⁾

O que significa realmente a *casa* feita apartamento? Qual a dimensão psicológica real — que é o que em última instância importa — dessa realidade primeira da vida, como arquitetura e engenharia?

É possível gratificar a jovem enamorada com uma serena endereçada ao sétimo andar? Que espécie de mãe, de avó, tia, ou irmãzinha, de professora e afável vizinha é o televisor? O que fazer, para o corpo e o espírito, na inexistência do quintal; sem a terra e os vegetais, sem as sombras e os aromas, sem os animais e as emoções, sem os jogos e o aprendizado? Onde as cadeiras nas calçadas e a convivência da família e dos vizinhos? Que forças de coesão possíveis aí, nessa "enxovia"?

A *casa-apartamento* parece-nos o avesso do útero: mal abrigando, com frequência dela a vida se evade à força de seu próprio caráter. Parece um porto só para partir, um entreposto, uma escala numa viagem, a cristalização de uma onipresente nostalgia onde a vida, mesmo cacto, tivesse o vento solto, o céu como estufa, a abrasão vivificante do sol, os espaços abertos ao encontro, às surpresas, à comunhão. A *casa* é o retrato vivo do homem histórico. Diz, por conseguinte, também arquitetonicamente, do que está no horizonte do seu porvir.

2) GASTON BACHELARD — In "A Poética do Espaço", p. 359, Coleção Os Pensadores, vol. 38, Abril Cultural, 1974.